

1. Qual a origem dos contos de fadas? Por que essa denominação, afinal, não são de fadas. Eles “nascem” com a função de educar? Quais os expoentes nesse tipo de literatura?

*Diana: Contos de fadas, como os clássicos que aprendemos a encaixar nessa classificação, são relatos literários que se reivindicam de origem folclórica. Trata-se basicamente das compilações realizadas por Basile, por uma série de damas francesas como Mme.de Villeneuve, por Perrault, pelos irmãos Grimm, por Jakobs e por Andrew Lang, para mencionar os mais populares. Isso sem falar em Andersen que não se considerava um compilador, nem um pesquisador dos relatos orais de seu país e assumiu a autoria de seus contos de fadas, apoiando-se em elementos folclóricos, mas livre para criar. As fadas no caso não precisam estar presentes para o conto ser “de fadas”, é como dizer que são relatos onde a magia corre livremente, se algo for absurdo, irreal, não precisa se estranhar, no mundo das fadas isso é normal e a senha mais conhecida para ultrapassar para essa dimensão é “era uma vez”. Não há intenção educativa nessas histórias a priori, em certas ocasiões, como na Chapeuzinho Vermelho de Perrault há até uma moral, mas é uma figura de estilo. O que realmente ocorreu é que os contos de fadas ficaram com as crianças e tendemos a achar que tudo o que é para elas tem que ser educativo. Os contos de fadas, porém, não trazem lições, somente oferecem fantasia.*

2. Antes de serem resgatados e compilados eram transmitidos oralmente? Há contos que se mantêm sem alteração?

*Mário: Praticamente todos os contos sofreram transformações. Três mudanças importantes ocorreram: primeiro, o conto se desloca do campo para a cidade, aqui temos um primeiro refinamento, pessoas de outra sensibilidade se apropriaram delas; depois, o conto começa a ser impresso, os escritores fazem uma segunda revisão no conteúdo, além disso, fontes literárias começam a misturar-se com as de origem folclórica; por último os contos ficaram direcionados às crianças, e ganham mais uma censura.*

3. Mitos, lendas, fábulas e contos de fadas são a mesma coisa?

*Mário: A lógica simbólica e onírica que as perpassa pode ser a mesma, mas mitos estão relacionados aos deuses e as origens. As lendas relatam os grandes feitos dos heróis fundadores. As fábulas são pequenos contos morais, geralmente com animais falantes. E os contos de fada, ou contos maravilhosos, relatam histórias sobre as coisas básicas da vida: conflito com os pais, dificuldades de crescimento, amores e casamentos, rivalidades entre irmãos, enfim, o cotidiano doméstico.*

4. Qual (is) papel (is) dos contos de fadas na formação da criança?

*Diana: Quem conta um conto sempre inclui um ponto. Ao escolher uma história para narrar ou comprar para uma criança, estamos oferecendo a ela mais do que diversão. A vantagem dos contos de fadas é que oferecemos às crianças histórias que também nos tocaram quando éramos pequenos, portanto, compartilhamos algo da nossa infância com elas. Cada vez que entramos em contato com uma narrativa literária ela mexe conosco em determinados pontos que, quanto mais nevrálgicos, mais nos sentiremos ligados a ela. Não precisamos saber por que uma determinada história é importante para nós, ela funciona igual, toca inconscientemente. Para as crianças*

*funciona assim: literatura infantil serve para brincar, serve para receber de sua família mensagens inconscientes que comunicam o que é importante para seus adultos, serve para fantasiar e elaborar seus conflitos. A arte é útil para crescer, não importa que idade tenhamos.*

5. Qual (is) aspecto (s) positivo (s) e negativo (s) dos contos de fadas em geral?

*Mário: Não há ponto negativo em nenhuma história. Existem narrativas que são mais ricas que outras, que oferecem tramas mais poéticas, complexas, desafiantes, instigantes, outras, em sua simplicidade acertam na mosca, conseguem a cadência que fala direto a uma criança bem pequena. História ruim é aquela de que ninguém gosta, que lemos para as crianças e elas não se engatam, que usa a fantasia como maquiagem para passar uma mensagem, por melhor que ela seja. Os contos de fadas que são populares em nossa época por terem passado pela seleção natural do tempo, são um decantado de narrativas tocantes. Histórias são reflexos da nossa alma, escolheremos as que melhor nos representarem, assim como as que tivermos inteligência e cultura para absorver, por isso o encontro entre as crianças e a fantasia é sempre positivo.*

6. Há uma explicação para os contos de fadas despertar o interesse de crianças e alguns adultos? De alguma maneira elas se identificam com personagens e/ou situações?

*Diana: A leitura sempre pressupõe algum nível de identificação, mesmo que seja uma narrativa sobre crianças afegãs sendo lida por adolescentes dinamarqueses, haverá algum ponto em que personagens e leitores falam uns dos outros, embora muitas vezes esse ponto de encontro entre a história e o leitor não seja óbvio. Não há outra maneira de explicar a relação duradoura entre as crianças e as histórias de fadas que não seja esse aspecto, ou seja, a capacidade dos contos maravilhosos de ilustrar de forma indireta e metafórica os conflitos daqueles que estão crescendo e aparecendo. Os contos de fadas são como muitos sonhos que ilustram nossas frustrações e desejos de forma tão delirante e indireta, que não precisamos nos sentir constrangidos ao evocá-los ou pensar neles. Se não for assim, no caso do sonho, é pesadelo, e no caso da literatura, simplesmente crianças e adultos não se interessam por ela.*

7. É comum a criança pedir aos pais que releiam um mesmo conto. Existe uma explicação para isso?

*Diana: As crianças nem sempre assimilam o todo da história de uma só vez, elas a absorvem aos poucos, sempre num nível diferente. Precisam rever ou reler ou re-escutar pra melhor compreender. Além do mais a repetição faz parte, se a história lhe diz algo elas vão querer ouvir de novo, como nós com uma música que gostamos. Além do mais elas não pedem somente para repetir a história em si, mas um determinado jeito de contá-la. Se fizermos a voz do lobo uma vez, estaremos fadados a repetir a performance todas as seguintes. Elas estão atentas ao modo como narramos porque é aí que aparece o engate do adulto com essa narrativa e elas estão interessadas não somente na história, também lhes importa que ela seja interessante para nós. Quando contamos ou lemos uma história de determinado jeito, damos ênfase num aspecto, num personagem, numa parte, e elas estão curiosas disso, da forma como aquilo fala em nós a de nós, seus “grandes”.*

8. Diversos contos apresentam situações impossíveis de ocorrer, exemplo disso, é o da vovó engolida pelo lobo mau que permanece viva em sua barriga até que é salva pelo lenhador no conto Chapeuzinho Vermelho. Não é possível explicá-la racionalmente. Como que o inconsciente infantil reage frente a essa trama?

Mário: *O inconsciente infantil e o adulto também, afinal, nos nossos sonhos essa lógica permanece. O simbolismo de ficar na barriga vivo é sobre o mistério do nascimento, as crianças tem mil teorias sobre onde vem os bebês, como eles entram na barriga da mãe. Será que ela não os engoliu antes? Por que a mãe tem bebês e o pai não? Assim pensam as crianças! E nosso inconsciente entende essa linguagem, por que quando crianças pensávamos assim.*

9. Existem contos de fadas dirigidos para adultos. Eles têm a mesma função que os contos infantis?

Diana: *Os contos de fadas para adultos são os mesmos das crianças, nunca deixaremos de ser leitores dos contos das 1001 noites ou até dos clássicos. O cinema está lotado de relatos fantásticos dirigidos a público adulto e ou juvenil, para os quais é fundamental aceitar a premissa do “era uma vez” e entrar na lógica da magia. Existem, além disso universos mágicos inteiros, quer seja de modalidade mais retrô, como é o caso de Tolkien, ou futurista, como em Guerra nas Estrelas, que não são para crianças, são para os mais crescidinhos, da adolescência em diante. O conto de fadas é um gênero, não uma indicação etária.*

10. Qual o critério que vocês utilizaram para escolher os contos analisados no livro?

Quais foram as dificuldades encontradas no decorrer do trabalho?

Mário: *Nossa escolha foi pelos mais populares, acreditamos que seu sucesso e a permanência só podem ser explicados por dizerem algo importante para nós. Além disso, escrevemos com o objetivo de contar no que aqueles contos nos tocaram como pais narradores ou como as crianças que um dia fomos, por isso escolhemos aqueles sobre os quais nos sentíamos em condição de falar, quer seja porque eram particularmente queridos, ou até porque nos causavam certo horror quando pequenos, como era o caso para mim do Pinóquio por exemplo. A maior dificuldade foi então a de escolher. Havia histórias que desejávamos analisar, mas que não cabiam no contexto do trabalho que estávamos fazendo, ou que incluíam uma pesquisa e contextualização a parte, como foi o caso do Sitio do Pica Pau Amarelo. Chamamos nosso livro de Psicanálise NAS histórias infantis e não DAS, porque nunca pretendemos traduzi-las em uma significação que lhes retire o encanto, apenas deixar-nos falar dos conhecimentos oriundos do nosso ofício de analistas a partir dos temas animados por essas narrativas, por isso mesmo só podíamos optar por aquelas que falavam em nós. Entre estas privilegiamos as mais populares, porque justamente visávamos interrogar porquê certas tramas duram e abrangem um público mais vasto no tempo e no espaço. Supusemos que deviam falar ao coração de mais gente, assim como haviam feito conosco.*

11. Na sua opinião, os contos de fada têm vida longa frente às demais opções de atividades? O que confere a elas essa característica de resistir ao tempo?

Mário: *As antigas histórias de encantamento certamente sobrevivem porque ainda servem de veículo para questões que persistem, apesar das revoluções dos costumes.*

*Tudo muda, mas dilemas como as dificuldades de crescer, de aprender a amar, de construir uma identidade feminina ou masculina possuem elementos que através dos tempos conseguem apoiar-se em alguns contos de fadas centenários. Mas há outro aspecto: embora sejamos fascinados por tudo que traga a tarja de “novo”, e certamente os contos de fadas são muito velhos, precisamos de histórias que funcionem como elo entre a várias gerações, narrativas que possam ser compartilhadas entre adultos, velhos e crianças de cada época. É provável que a vovó não conheça o Bob Esponja, talvez nem os pais saibam brincar de Power Rangers, mas todos saberão bem o que fazer quando forem convocados a ser o lobo dos Três Porquinhos ou poderão dizer para a menina que ela está linda como a Cinderela no baile.*

12. Muitos contos sofreram novas versões. Por quê? As mudanças se inspiram no moralismo da época?

*Mário: Certamente, mas não são necessariamente morais as razões das censuras, às vezes trata-se de outra sensibilidade, de outra maneira de conceber a infância. Vejamos, por exemplo, um conto como Pele de Asno, que antigamente era tão popular como Cinderela. Ele deixou de figurar nas antologias dirigidas às crianças porque traz uma referência direta ao incesto. O rei, após perder a rainha, decide casar com a filha. A menina, aliás, em nada se assemelha a uma criança abusada, foge da absurda e inconcebível obsessão do pai por ela e parte em busca de seu príncipe. Ora, em nossos tempos tão psicológicos, tão preocupados que estamos em não traumatizar nossas crianças, não podemos permitir que um conteúdo tão descaradamente edípico como esse seja veiculado. Na nossa opinião estamos subestimando nossas crianças, elas não vão se estranhar com conteúdos assim, pelo contrário, essas histórias mais agudas em sexualidade ou violência podem traduzir vivências íntimas e até acalmar as crianças.*

13. Muitos contos apresentam situações assustadoras, personagens horrendos, cruéis e até situações de violência. Como explicar que são destinados ao público infantil?

*Diana: Quem conhece as fantasias das crianças vai se dar conta que elas estão numa sintonia com histórias bem indigestas. Além do mais, basta abrir um jornal, vivemos numa sociedade violenta, num mundo violento, que não rivaliza em monstrosidade com nenhuma história que possa ser escrita. Apenas queremos poupar os pequenos, quando na verdade queremos é poupar também a nós mesmos. Vocês já pararam para pensar quantas vezes se mata e se morre num vídeo-game? É uma violência lúdica, mas que nos encena, uma sociedade sempre disposta a soluções por via da força. Não são os contos de fada e os games que são violentos e incitam a violência, eles apenas refletem a nossa triste condição bélica. Além disso, vale para os homens a máxima de que cachorro que late não morde, o que de alguma forma se expressa na fantasia não se atua. Acreditamos que se houvessem mais representações artísticas e metafóricas para o egoísmo, o ciúme mortal, a violência e os desejos de vingança que moram em nós, por mais bonzinhos que nos acreditemos ser, talvez não fosse necessário realizá-los, bastaria sentir e dar uma vazão a essas coisas ruins.*

14. As histórias infantis criadas nos dias de hoje se enquadram na classificação contos de fadas? Qual (is) por exemplo?

Mário: *Praticamente não se fazem mais contos de fada, mas as histórias contemporâneas podem suprir as crianças levando-as a um mundo de fantasia da mesma maneira, nem mais rica nem mais pobre. A vantagem dos contos de fadas é serem parte duma tradição, serem um código compartilhado, que vai então poder ligar crianças de vários lugares e depois será útil para seguir falando com crianças de todas as gerações. Contos de fadas usam personagens sem nome próprio, são protótipos como o príncipe, a bruxa, sem uma psicologia particular. Nossas crianças são acostumadas a figuras mais complexas, com suas peculiaridades. Ainda há magia, mas o enquadre da fantasia mudou.*

15. Por que toda madrasta é má, toda mãe é perfeita e toda garota ou adolescente é castigada nos contos?

Mário: *Os contos de fadas usam personagens unidimensionais, sem vida subjetiva importante, sem divisão psíquica. Logo, suas personagens são sempre com uma só qualidade. A criança bem pequena entende melhor assim. Nós, como estamos acostumados com o romance moderno, que trouxe a ambivalência para dentro da cena, a representação do herói eternamente dividido entre escolhas, estranhamos figuras planas. De qualquer maneira, toda mãe é, ao mesmo tempo, mãe, madrasta e madrinha, enquanto a relação entre a mãe e a filha mulher sempre terá suas tensões, como procuramos demonstrar no capítulo de nosso livro dedicado à Cinderela. O castigo derradeiro não é ao herói, mas ao malvado, que pelo menos nos contos de fada, sempre leva a pior.*

16. Se os pais conhecessem o verdadeiro significado dos contos de fadas eles continuariam a lê-los para os filhos? Qual o sentido de continuar lendo esses contos centenários? O que faz eles apresentarem valor?

Mário: *Não acreditamos que devamos saber o significado de nenhuma história a priori para contá-la aos nossos filhos. Somente discutimos essas evocações psicanalíticas oriundas das histórias para tentar compreender as razões da popularidade delas, entendê-las ou não tanto faz, elas funcionam igual. Além do mais não há a como fazer mal a uma criança contando contos de fada, o problema é quando as bruxas e os lobos são reais e não na fantasia. Além disso, propomos uma interpretação que não esgota o assunto, os contos de fada são mais do que isso, portanto falar em conteúdo verdadeiro pode dar uma falsa idéia. A idéia não é substituir a fantasia pela razão, mais bem trata-se de deixar com que ela nos toque e nos faça falar.*

17. Muitas pessoas quando conhecem o significado de alguns contos de fadas ficam decepcionadas. Os contos têm explicação psicanalítica onde se constatariam conteúdos prejudiciais para as crianças? Quais as conseqüências em suas vidas?

Diana: *Em nosso livro incluímos e analisamos uma história que Mário inventou junto com nossas filhas quando eram pequenas, cuja análise, onde surgiram elementos que ele desconhecia totalmente na época da narrativa, mostra quanto conteúdo pode haver dentro de um simples momento lúdico. A explicação psicanalítica apenas compreende a vida, não deve prescrever modos de viver conforme uma hipotética teoria. A literatura e a narrativa oral, quer seja a folclórica que deu origem a alguns contos, tanto quanto as histórias inventadas de pais para filho, são parte da vida vivida, não momentos*

*pedagógicos. Quando se oferece uma história a uma criança está se abrindo para ela uma fresta do nosso inconsciente e oferecendo-lhe a oportunidade de ampliar a sua capacidade de fantasiar. Nenhuma interpretação psicanalítica ou intenção pedagógica deve atrapalhar ou engessar esse momento. Consideramos que as únicas conseqüências graves que as histórias podem trazer para a vida das crianças ocorrem quando elas faltam, quando uma criança cresce num vazio de narrativas.*